

# A bagagem da imigração

Danielle Duque Baracho<sup>1</sup>

MOREIRA, Patrícia. *A bagagem da imigração*. Lisboa: Cordel d'Prata, 2023.

Uma leitura panorâmica das mais recentes produções literárias portuguesas sugere a frequência com a qual as obras têm iluminado temáticas políticas e sociais. Dentre as múltiplas vivências representadas na literatura, convém salientar o destaque dado às migrações contemporâneas e ao modo com o qual esses deslocamentos são enfrentados pelos sujeitos envolvidos. No que diz respeito àqueles que vivenciam os trânsitos, vê-se a representação de suas inquietudes identitárias, desencadeadas pela sensação de não pertencimento. Por outro lado, quando se pensa na comunidade residente no país de destino, verifica-se como, de forma relacional, a não aceitação da diferença cultural culmina no acirramento de várias desigualdades e violências.

Nesse contexto histórico-literário, no qual a multiculturalidade mostra-se dominante e provocativa de variadas reflexões, nota-se a emergência de escritas afrodescendentes, com destaque para autoras quais, entre outras, Djaimilia Pereira de Almeida, Yara Nakahanda Monteiro e Gisela Casimiro. É neste contexto que surge, muito recentemente, a personalidade de Patrícia Moreira, uma jovem escritora lisboeta de descendência cabo-verdiana. Em 2020, publicou o seu primeiro livro, intitulado *As Novas Identidades Portuguesas*, em cuja ficção discute

---

<sup>1</sup> Licenciada em Português com Menor em Línguas Modernas (Inglês) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Mestranda em Literaturas, Artes e Culturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL).

episódios de racismo e os entraves identitários pelos quais passa a comunidade afrodescendente em Portugal.

Em seu novo romance, publicado em meados de 2023, *A bagagem da imigração*, evidencia-se a continuidade do fio condutor temático iniciado em seu livro inaugural. A sua mais recente obra enfatiza a condição feminina no contexto migrante África-Europa ao narrar a história de Ayana, uma mulher cabo-verdiana que deixa sua cidade natal em direção à França, passando por Lisboa. Movida pelo desejo de conviver com o seu namorado e de oferecer melhores condições de vida à sua filha, Ayana vive o característico dilema que assenta sobre a cabo-verdianidade: a dúvida dicotômica entre ter de partir e querer ficar.

É dentro desse viés temático que se desenrola o novo romance de Patrícia Moreira. *A bagagem da imigração* sobressalta precisamente como esse abandono do arquipélago continua recorrente na contemporaneidade, devido à precariedade material e à busca de melhores condições econômicas. Para tanto, muitos jovens partem para o continente europeu, impulsionados pelo fantasioso mito de que lá, onde haveria uma fartura de empregos e alimentos, prosperariam tempos mais frutíferos. No entanto, toda essa trajetória está envolta em sacrifícios, renúncias e dores que são, frequentemente, invisíveis, e que desmitificam o tom fantástico que envolve o processo migratório. É nesse sentido de desmistificação que se desenvolve *A bagagem da imigração*, um testemunho fictício que atua na desconstrução de um imaginário social incongruente com a realidade.

Ao depararmos com a capa, a frase inscrita, “Tem a oportunidade de empregar um dos nossos e enviar esse daí para o porto de origem”, antecipa o cunho das denúncias que serão feitas ao longo do livro. A fala ressoa um conjunto de vozes que recusa a entrada e posterior permanência de migrantes nos países europeus. Esse tom preconceituoso, sugestivamente, é o mesmo que pode ser



---

encontrado em outras expressões que tiveram repercussão, nos últimos anos, em território português, como “volta para a tua terra” (MELO; VAZ, 2021). Trata-se de uma frase emblemática que sintetiza a recusa da aceitação de corpos que diferem de um suposto modelo – a branquitude – do que viria a constituir a “verdadeira portugalidade”.

Faz-se menção a essa decorrência em um momento narrativo, ambientado em Portugal, quando uma das amigas da protagonista reage ao ser agredida verbalmente: “-Vai pra tua terra, ó sua preta de merda. / - Eu estou na minha terra, ó branco de merda” (MOREIRA, 2023, p.92). Comprova-se, pois, como este novo enredo ilumina discussões que têm ganhado destaque no cenário contemporâneo português, sobretudo devido à intensificação do debate sobre os fluxos migratórios contemporâneos e não só, fato este que levanta questões sobre como lidar com os paradigmas conservadores que radicam na envelhecida sociedade portuguesa.

No que toca à estrutura, a obra é dividida em quatro partes e cada qual retrata um momento da vida de Ayana. Sob uma cronologia linear, acompanha-se o desenvolvimento desde sua infância até a fase adulta. Nas páginas iniciais do primeiro capítulo, conhece-se as circunstâncias que particularizam a sua experiência: uma menina que ainda em sua infância fora rejeitada pelo pai negro por ser uma criança albina. Além do desacolhimento familiar, lê-se as situações de *bullying* e rejeição que enfrentou no contexto escolar. Ademais, desde o princípio, é sublinhada a relação de ternura com sua mãe e, mais adiante, ver-se-á como a maternidade será uma das tônicas centrais da narrativa, nomeadamente quando a própria Ayana tornar-se-á mãe.

Seguindo para a segunda parte, acompanhamos a sua imigração ilegal para França, bem como a dificuldade em deixar para trás a sua família, em busca de

oferecer-lhe, posteriormente, melhores condições. Ao relatar a aflição que acomete a protagonista, adentrando em sua psicologia, percebe-se como ela está envolvida em uma série de dúvidas, traumas e inquietações que atravessam tanto a inserção das experiências do corpo num espaço frequentemente hostil, tanto a distância dos afetos. O registro, em uma linguagem clara e acessível, possibilita uma experiência de leitura fluida e uma explícita compreensão de seus dilemas emocionais e identitários.

Após aterrissar no território francês, as circunstâncias, diferente do esperado, tornam-se ainda mais complexas. Ilegal politicamente, Ayana vive às margens do centro urbano em um corpo hierarquicamente subalterno. Vítima de violência doméstica, em desamparo político e social, atravessando sucessivos desafios linguísticos, submetida a empregos com baixos salários e tratamentos desumanos. Toda a minuciosa descrição de seu cenário e dos acontecimentos vivenciados agravam ainda mais o sentido de vulnerabilidade que envolve a protagonista. Em função dos detalhes fornecidos pela autora, é possível imaginar, de modo empático, os medos e as dores que interpelam a subjetividade de uma mulher migrante.

Ao acompanhar o amadurecimento da protagonista, o público leitor encontra, na terceira parte, a redescoberta de sua sexualidade. Após relatos de traição e violências físicas, morais e psicológicas, a relação da protagonista com Núbia desperta-lhe uma forma de amar que, até outrora, era desconhecida pelo seu próprio corpo. Assim, questionando a rigidez dos paradigmas patriarcais, o enredo desafia uma ordem hegemônica ao trazer representações outras que são rejeitadas pelo padrão heteronormativo socialmente imposto. Em seu enredo cauteloso, Patrícia Moreira leva-nos inclusive a perceber como o modelo de masculinidade compulsório não é cruel apenas para as mulheres, mas também



---

atinge psicologicamente os homens. Relata-se, nesse sentido, o caso do companheiro de Ayana, Samuel, cuja infertilidade fere a imagem que anseia sustentar de um homem viril. Lê-se a sua contradição e o seu sofrimento psíquico por ter de enfrentar tal padrão.

Sob a perspectiva feminina, *A bagagem da imigração* desmistifica a fantasia célebre que se cria em torno da vida de um imigrante, que supostamente abandona a sua terra em prol de outra que lhe seja menos árdua. Nessa viagem, há dores e resignações, as quais, por vezes, são negligenciadas quando se discute sobre tais vivências. O romance recém-lançado dedica-se a dar ênfase à saudade da família e de sua terra, às experiências dos assédios, das paixões, das traições, da violência doméstica, da sexualidade, das questões de gênero. Com sobrepostas condicionantes que particularizam a história, nomeadamente o protagonismo de Ayana – descrita enquanto mulher, mãe, cabo-verdiana, albina, lésbica, imigrante – a narrativa encena uma subjetividade notoriamente peculiar.

Assim, à medida em que a personagem amadurece, vemos como se acumulam não apenas traumas, mas também superações e empoderamentos que compõem a sua bagagem íntima. Lemos, em suma, como o deslocamento de sua terra ressoa em múltiplos deslocamentos dentro de si.

Após a leitura do novo romance de Patrícia Moreira, ampliamos, certamente, a nossa bagagem literária e humana.

## Referências bibliográficas

MELO, Manuella Bezerra de; VAZ, Wladimir (org). *Volta para tua terra: Uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal*. Urutau, 2021.

MOREIRA, Patrícia. *A bagagem da imigração*. Lisboa: Cordel d'Prata, 2023.

Recebido em 19/12/2023

Aceito em 19/12/2023